



3765 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE E O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NA ALFABETIZAÇÃO
Edijane Pereira de Andrade - PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE
Magna do Carmo Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Este estudo teve o objetivo de analisar a organização da prática docente e o uso de recursos didáticos na alfabetização e foi desenvolvido em uma turma do 1º ano. Utilizamos como procedimentos metodológicos: entrevista com a professora; observações de aulas; análise documental dos recursos. Os resultados indicaram que há princípios que norteiam a organização de prática de alfabetização da professora o que demonstra sua clareza no desenvolvimento das atividades e escolha dos recursos didáticos.

Palavras-chave: Alfabetização. Recursos Didáticos. Rotina. Planejamento. Prática de Ensino.

A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE E O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS NA ALFABETIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

Nossa perspectiva em realizar essa pesquisa nasceu a partir da possibilidade de refletir sobre inquietações dos docentes referentes aos processos de ensino e aprendizagem e sua relação com o uso de recursos na alfabetização, tendo em vista que hoje são disponibilizados vários recursos para o ciclo de alfabetização pelo Ministério da Educação (PNBE, PNLD, Jogos, etc). Consideramos estes recursos didáticos enquanto artefatos culturais, baseados em Certeau (1994); ou seja, todo e qualquer material que é construído e/ou utilizado na sala de aula com o intuito de ensinar (FREITAS, 2007). Ressaltamos, porém, que o recurso didático por si só não é responsável pelos bons resultados na aprendizagem dos alunos.

Tardif (2014) ressalta que, no contexto escolar, encontram-se os professores cujas práticas estão baseadas em diferentes saberes – que se constituíram na sua experiência, na formação e na prática de sala de aula. Portanto, faz-se necessário investigar como a diversidade de recursos se materializam na organização da prática das professoras alfabetizadoras e o que elas pensam desses recursos didáticos. O levantamento do estado da arte sobre pesquisas que estudaram “Recursos Didáticos na Alfabetização” no Catálogo de Dissertações e Teses da Capes, entre 2005 e 2017, indicou que apenas cinco trabalhos tratavam especificadamente desta temática. A análise deste conjunto de pesquisas apontou a necessidade de *analisar a organização da prática docente e o uso de recursos didáticos na alfabetização* sendo este nosso objetivo.

Desenvolvimento

O processo de alfabetização vem passando por transformações conceituais que produzem avanços e, por vezes, recuos, frutos de crises entre as tendências associacionistas e interacionistas de aprendizagem. A mudança de perspectiva do ‘olhar’ de como se ensina para como as crianças aprendem, no campo da alfabetização, abriu caminho para uma verdadeira revolução conceitual (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999). Segundo Morais (2012), a criança precisaria compreender os princípios do SEA devendo ser ajudada a descobrir as suas propriedades através de um trabalho sistemático de reflexão sobre a língua e não de forma solitária, espontaneísta.

As discussões sobre a alfabetização, ainda hoje, estão atreladas a escolhas de métodos (sintéticos ou/analíticos) e recursos que poderão “resolver” os desafios enfrentados pelos professores para fazer com que seus alunos aprendam a ler e a escrever (MORTATTI, 2000). Esses métodos se apoiam em concepções – visões de mundo e de sociedade – que tendem a considerar os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização de maneira bem distinta, o que influencia diretamente no trabalho realizado na sala de aula com os educandos, as formas de como se ensina e se aprende a leitura e escrita (SOARES, 2016).

Soares (2016), portanto, destaca que as controvérsias entre os métodos se referem aos objetos que serão focalizados no processo inicial da aprendizagem da leitura e da escrita. Os métodos de alfabetização têm sido sempre ‘uma questão’ porque derivam de concepções diferentes *sobre o objeto da alfabetização, sobre o que se ensina, quando se ensina a língua escrita*. Nesse sentido, no desenvolvimento do método de alfabetização, o professor faz uso de diversos recursos didáticos que podem subsidiar variadas práticas de ensino da língua portuguesa, podendo, inclusive, usar o mesmo recurso para objetos diferentes, com focos diferentes e em momentos diferentes de acordo

com a sua intencionalidade.

Como afirma Chartier (2002), os dispositivos fazem parte do quadro organizativo da prática docente e fazem parte dos procedimentos de ações utilizados em situações diversas com a finalidade de resolver um problema. Para que um procedimento ou um recurso seja considerado um dispositivo é necessário que ele tenha sido assimilado pelos indivíduos e que seja praticado constantemente. Desse modo, são dispositivos, por exemplo, as lições de leitura, os agrupamentos das crianças, a forma de organizar a sala de aula, os recursos utilizados para a realização das atividades.

Nesse contexto, a reflexão do professor sobre sua própria prática é de fundamental importância para consolidar a sua autonomia pedagógica de fazer escolhas a partir das necessidades de aprendizagem de seus alunos e da realidade em que estão inseridos. Nesse sentido, Chartier (2007) aponta que as mudanças nas práticas de ensino podem ocorrer de duas formas: didáticas, relacionadas ao que se quer ensinar; pedagógicas, referentes a como se quer ensinar. É nessa perspectiva que se insere este estudo que tem como objetivo *analisar a organização da prática docente e o uso de recursos didáticos na alfabetização*

A nossa pesquisa configurou-se como qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) por meio da realização de um estudo de caso (YIN, 2005). Escolhemos cinco escolas conhecidas pelo uso de recursos na alfabetização e aplicamos um questionário com as cinco professoras do 1º ano do EF que atuavam nelas. Levantamos o perfil delas quanto à formação acadêmica, experiência profissional e disponibilidade para participar da pesquisa. Dentre estas professoras, duas se disponibilizaram a participar da pesquisa. Realizamos uma semana de observações iniciais, nas suas turmas, e selecionamos apenas uma professora que demonstrou trabalhar de forma sistemática com os recursos didáticos no processo de alfabetização. Em seguida, tivemos como procedimentos para produção dos dados da pesquisa: observação de quatro semanas de aulas (duas no 1º semestre e duas no 2º semestre) entrevista inicial (para aproximação) e final (para aprofundamento do que fora observado na aula) com a docente; análise documental do material utilizado pela professora. Para análise dos dados, usamos as técnicas metodológicas da análise de conteúdos de Bardin (2011).

Os resultados obtidos indicam que a professora Tina organiza e seleciona os recursos didáticos que estarão presentes na sala de aula, tornando este espaço um ambiente alfabetizador. Os materiais que ela dispõe no ambiente são: calendário, cardápio da merenda, lista com os nomes das crianças, cartaz de aniversários, alfabeto, textos trabalhados, jogos, materiais produzidos na aula. Estes não são meramente decorativos, mas têm funções didáticas e pedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem da turma, configurando-se como dispositivos.

A rotina e a organização da prática didática e pedagógica da professora Tina aconteceram de forma sistemática com atividades permanentes e estruturantes. É importante destacar que algumas atividades, apesar de serem permanentes, sofreram alterações ao longo do ano e aumentaram o nível de complexidade, considerando os avanços das crianças e os objetivos didáticos da professora. A professora Tina demonstra ter clareza da importância da rotina para a organização de sua prática pedagógica, por isso contribui na organização e no bom aproveitamento do tempo pedagógico. Ela enfatiza, também, que as crianças estão inseridas nessa organização de forma a participar do seu planejamento e controle bem como do uso dos recursos didáticos. Um aspecto importante de sua prática é o grande número de atividades realizadas por ela, o que demonstra preocupação com o tempo pedagógico bem como intencionalidade e regularidade na quantidade de atividades desenvolvidas diariamente.

Em todas as aulas observadas, a professora problematiza e reflete sobre os princípios e convenções da escrita. Ela utiliza as dúvidas/conflitos das crianças em relação à escrita de palavras para trabalhar as propriedades do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) e as correspondências som/grafia. Este é o elemento central da prática da professora e o princípio fundamental que determina todos os outros princípios presentes em seu saber-fazer pedagógico. A exploração de atividades relacionadas ao SEA aparece sempre de forma articulada com os outros eixos da língua, principalmente com as atividades de leitura, seguidas de atividades que exploram a oralidade e a produção de textos, na maioria das vezes, coletivamente. Além de articular os eixos da língua e os recursos didáticos, ela trabalha de forma interdisciplinar, integrando as áreas de conhecimento, o que torna o processo de ensino contextualizado e significativo para as crianças. Trabalha com temáticas, organizando uma sequência de atividades, e parte sempre da exploração de uma atividade de leitura, seguida das atividades de reflexão fonológica e de apropriação. Durante o desenvolvimento das atividades, ela faz o acompanhamento das construções realizadas pelas crianças, tanto de forma coletiva como individualmente, fazendo intervenções para promover a aprendizagem das crianças.

A análise da prática da professora indica que ela é formada por elementos teóricos e práticos que foram ressignificados e incorporados no seu fazer docente, tornando-se saberes da experiência, saberes da prática. Ou seja, na prática da professora, o dispositivo se manifesta nesses três aspectos: dispositivo como organização da rotina; dispositivo como escolha e uso dos recursos; e dispositivo como forma de intervir. Possivelmente, isso acontece porque a professora tem clareza de seus objetivos no planejamento. Assim, a análise da prática da professora Tina indicou alguns princípios/dispositivos que norteavam a sua prática os quais ficaram evidentes nas entrevistas e na sequência das aulas observadas.

- Apresenta uma rotina de trabalho estabelecida e bem definida com objetivos claros.
- Planeja as atividades e o uso dos recursos com base nos objetivos didáticos (o que quer ensinar) e pedagógico (como quer ensinar).
- Reflete sobre a sua própria prática e propõe mudanças na mesma para atender as necessidades da turma.
- Adota o ensino da escrita alfabética como elemento central de seu trabalho, o qual norteia a definição dos eixos da língua e recursos didáticos a serem explorados.
- Explora as diversas unidades constituintes da língua escrita (texto, palavra, sílaba, letra/fonema) visando à compreensão do sistema alfabético pelas crianças.
- Organiza a sequência de atividades com base numa temática, tendo como ponto de partida a exploração de um texto.
- Trabalha de forma interdisciplinar e contextualizada, articulando os eixos da língua, as áreas de conhecimento e os diversos recursos didáticos.
- Apresenta os conteúdos problematizando-os, estimula a participação das crianças e valoriza seus conhecimentos prévios e as intervenções ao longo da aula.
- Realiza adequações dos recursos didáticos e atividades, considerando as necessidades da turma e seus objetivos de ensino.
- Articula diversos recursos didáticos para a realização de uma única atividade, a fim de atender ao objetivo proposto para o ensino.
- Demonstra autonomia para adaptar o planejamento em situações imprevisíveis para atender aos objetivos propostos para a aula.
- Prepara as crianças para a atividade e o uso do recurso didático, antes e durante sua execução.
- Acompanha de perto a realização das atividades pelas crianças, fazendo intervenções com a finalidade de promover aprendizagem (de forma coletiva ou individual).
- Promove a participação das crianças na confecção do recurso didático a ser utilizado na atividade.
- Estimula e permite a descoberta e a intervenção das crianças na construção do conhecimento.
- Estabelece procedimentos de reflexão sobre o SEA na rotina da sala de aula, de tal forma que as crianças os incorporam e os reproduzem.

- Orienta os grupos/duplas quanto ao tipo de ajuda que podem oferecer ao colega, durante a execução da atividade, a depender do objetivo que tem para a aula.

Estes princípios estão interligados e abrangem os aspectos didáticos e pedagógicos que dizem respeito à forma particular da professora conduzir e desenvolver seu trabalho com as crianças e se configuram, também, como dispositivos que a professora utiliza para organizar sua prática. Do nosso ponto de vista, esses princípios foram-se constituindo ao longo de todo o processo de profissionalização, desde a formação inicial, bem como nas formações continuadas das quais participou, sendo incorporados e validados na experiência do seu saber e fazer pedagógico (CHARTIER, 2007).

CONCLUSÃO

A partir da análise da prática da professora Tina, ressaltamos a existência de alguns princípios que são norteadores do seu fazer pedagógico e que foram sendo construídos e ressignificados ao longo do seu processo de atuação profissional. Esses princípios embasam a sua ação docente e são revisitados, modificados e/ou ampliados na busca de atender aos seus objetivos didáticos e pedagógicos, de acordo com a realidade e as especificidades da turma em que está atuando. Podemos, portanto, afirmar que ela tem muita clareza do seu papel como alfabetizadora e, assim, realiza o trabalho de alfabetização, estabelecendo como elemento central o ensino a apropriação do SEA, com atividades de reflexão fonológica e o ensino da leitura. Os outros eixos da língua, produção de textos e a oralidade aparecem como suporte e apoio desse trabalho com fins de consolidar a apropriação do SEA pelas crianças.

Nessa perspectiva, a professora apresenta grande coerência pragmática, conforme Chartier (2007), no desenvolvimento de sua prática de alfabetização. Essa clareza pedagógica é fruto de sua experiência e tem relação com sua capacidade de construir e reconstruir a sua prática, inserindo novos recursos, novos percursos metodológicos, pois sua clareza quanto aos seus objetivos lhe dá segurança, autonomia didática e pedagógica para ressignificar sua prática constantemente, na perspectiva da realização de um trabalho de alfabetizar letrando.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, A. Um Dispositivo sem Autor cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 3, jan./jun. 2002.
- _____. **Práticas de leitura e escrita - história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.
- FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.